





SÉRIE MUNDO EM CAOS • VOL. 1

# MUNDO EM (CAOS)

PATRICK  
NESS

Tradução de Edmundo Barreiros



Copyright © 2008 Patrick Ness

TÍTULO ORIGINAL

The Knife of Never Letting Go

PREPARAÇÃO

Mônica Reis

REVISÃO

Giu Alonso

Carolina Vaz

DIAGRAMAÇÃO

Julio Moreira | Equatorium Design

ARTE DE CAPA E ILUSTRAÇÕES

© 2018 Walker Books Ltd.

Reproduzido com autorização de Walker Books Ltd,

Londres SE11 SHJ, [www.walker.co.uk](http://www.walker.co.uk)

ADAPTAÇÃO DE CAPA E ILUSTRAÇÕES

Julio Moreira | Equatorium Design

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

N378m

Ness, Patrick, 1971-

Mundo em caos / Patrick Ness ; tradução Edmundo Barreiros. -

1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2019.

480 p. ; 23 cm. (Mundo em caos ; 1)

Tradução de: The knife of never letting go

ISBN 978-85-510-0450-0

1. Romance americano. I. Barreiros, Edmundo. II. Título. III. Série.

19-54690

CDD: 813

CDU: 82-31(73)

[2019]

*Todos os direitos desta edição reservados à*

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

[www.intrinseca.com.br](http://www.intrinseca.com.br)

## Nota da editora

A série *Mundo em caos* é repleta de singularidades. Lançado originalmente no Reino Unido em 2008, o primeiro volume repercutiu em todo o mundo, sendo publicado em mais de trinta países. Patrick Ness se tornou referência não só para a literatura jovem, como também para escritores de fantasia e ficção científica.

O universo distópico de *Mundo em caos* é estruturado de forma bastante detalhada, criativa e coerente; nele, a linguagem marca o nível social e cultural dos personagens, além de ter papel fundamental na trama. O leitor perceberá isso desde as primeiras páginas, ao conhecer o corajoso Todd Hewitt. É Todd, o protagonista, quem primeiro nos apresenta ao Novo Mundo e ao Ruído.

Nesta edição de *Mundo em caos*, optamos pela linguagem coloquial a fim de respeitar o estilo do autor em sua língua de origem, o inglês. Ao longo de toda a história o leitor encontrará marcas de oralidade que não são mero acaso. Diversas ocorrências de colocação pronominal, ortografia e formas verbais, consideradas inadequadas pela gramática normativa da língua portuguesa, fazem parte de nossa tentativa de recriar o vasto universo de Patrick Ness.

As portas para essa incrível jornada estão abertas.

BOA LEITURA!



Para Michelle Kass





**S**e tivéssemos uma visão e uma percepção aguçadas de toda a vida humana comum, seria como ouvir a grama crescer e as batidas do coração de um esquilo, e provavelmente morreríamos com o estrondo que existe do outro lado do silêncio.

George Eliot, *Middlemarch*





PARTE I



# O BURACO NO RUIÍDO

A PRIMEIRA COISA QUE VOCÊ descobre quando seu cachorro aprende a falar é que os cachorros não têm muito a dizer. Sobre nada.

— Quero fazer cocô, Todd.

— Cala a boca, Manchee.

— Cocô. Cocô, Todd.

— Eu mandei *calar a boca*.

A gente está andando pelos campos do sul da cidade, que descem até o rio e dali seguem pro pântano. Ben me mandou colher umas maçãs-do-pântano e ainda me obrigou a trazer Manchee, que todo mundo sabe que Cillian só comprou pra fazer média com o prefeito Prentiss. Aí, no ano passado, do nada me apareceram com um cachorro novinho de presente de aniversário, sendo que eu *nunca* disse que queria um cachorro. O que eu *disse* foi que queria que Cillian finalmente consertasse o motociclo de fissão preu não precisar ir a pé pra tudo quanto é lugar abandonado dessa cidade idiota, mas não, parabéns, Todd, toma aqui um cachorrinho novo, Todd, e mesmo você não querendo e nunca pedindo um, adivinha só quem vai ter que dar comida, treinar, dar banho, levar pra passear e ouvir ele tagarelar agora que chegou numa idade que o germe da fala faz a boca querer mexer? Adivinha?

— Cocô — Manchee late, baixinho, pra ele mesmo. — Cocô, cocô, cocô.

— Faz logo essa droga de cocô e vê se para de choramingar.

Arranco um capim ainda pequeno na margem da trilha e tento bater nele. Não acerto, na verdade nem era pra acertar mesmo, e ele só dá aquele risinho meio latido e sai andando. Vou atrás dele, batendo com o meu chicote improvisado no capim que cresce dos dois lados da trilha, apertando os olhos por causa do sol forte, tentando não pensar em nada.

A gente não precisa de maçã-do-pântano, pra falar a verdade. Se Ben quisesse mesmo umas, ele podia muito bem comprar no sr. Phelps. Outra verdade é que ir catar fruta no pântano não é trabalho pra homem, porque os homens vivem ocupados. Se bem que *oficialmente* eu ainda não sou homem, só daqui a trinta dias. Vivi doze anos de treze longos meses cada e mais doze meses, tudo isso pra ainda faltar um mês pro grande dia. Estão planejando os planos e preparando os preparativos, porque vai ter uma festa, eu acho, mas estou começando a receber umas imagens estranhas, todas muito escuras e também claras demais, mas enfim. O que importa é que eu vou virar homem, e colher fruta não é trabalho pra homem, nem pra um quase-homem.

Mas Ben sabe que pode me pedir isso e sabe que eu vou até lá, porque o pântano é o único lugar por aqui onde dá pra descansar um pouco de todo o Ruído que os homens vomitam, toda a barulheira que não para nem quando eles estão dormindo. Ah, os homens e as coisas que eles não sabem que pensam mesmo quando todo mundo ouve. Os homens e o Ruído deles. Não sei como conseguem, como se aguentam.

Homens são criaturas Ruidosas.

— Esquilo! — Manchee grita.

Ele sai correndo. Eu grito bem alto, mas não adianta, então lá vou eu também pela (olho em volta pra confirmar que não tem ninguém por perto) *M* do campo porque Cillian vai ter uma *M* de um ataque se Manchee cair em alguma *M* de toca de cobra e é claro que vai ser culpa minha mesmo que eu não quisesse essa *M* desse cachorro pra começo dessa *M* de conversa.

— Manchee! Volta aqui!

— *Esquilo!*

Vou abrindo caminho pelo mato. Umhas larvinhas grudam no meu tênis e eu esmago uma delas sem querer quando sacudo o pé pra tentar tirar. Fica uma mancha verde que já sei que nunca mais vai sair.

— *Manchee!* — grito de novo, com raiva.

— Esquilo! Esquilo! Esquilo!

Ele está latindo e correndo em volta da árvore enquanto o esquilo sobe e desce pelo tronco só pra provocar. *Anda, cachorro que gira, diz o Ruído do esquilo. Anda, vem pegar, vem pegar. Gira Gira Gira.*

— Esquilo, Todd! Esquilo!

Como os bichos são idiotas.

Pego Manchee pela coleira e bato com força na pata traseira dele.

— Ai, Todd! Ai! — Bato de novo. E de novo. — Ai? Todd?

— Anda, vem.

Meu Ruído está tão alto que mal consigo me ouvir pensar, e daqui a pouco vou me arrepender disso, espera só pra ver.

*Garoto que gira, garoto que gira*, pensa o esquilo pra mim. *Vem pegar, garoto que gira.*

— Você também pode ir pra M — digo, só que não falo M, falo a palavra inteira mesmo.

Eu sabia, sabia que devia ter olhado em volta de novo.

Porque Aaron está bem aqui, apareceu do nada no meio do mato, e ele vem e me dá um tapa na cara, rasgando meu lábio com o anel grande que ele usa, depois fecha a mão e mete um soco no meu rosto, abaixo do olho, mas pelo menos não acerta o nariz, até porque eu já estou caindo, tentando me afastar. Nisso eu acabo soltando Manchee e ele sai correndo atrás do esquilo de novo, latindo feito um louco, o traidor. Caio de joelhos na grama, as larvinhas me manchando todo.

Fico ali no chão, recuperando o fôlego.

Aaron me olha de cima, e o Ruído dele me acerta com uns trechos da escritura e do próximo sermão, e *A linguagem, jovem Todd e encontrar*

um sacrifício e o santo escolhe seu caminho e Deus ouve e o jorro de imagens que vem no Ruído de todo mundo, imagens familiares e uns flashes esquisitos de...

O quê? Mas que por...caria é essa?

Um trecho de sermão fica mais alto pra esconder o resto. Eu olho bem nos olhos dele, e de repente não quero saber o que é. Já sinto o gosto de sangue na boca machucada e não quero saber. Ele *nunca* vem aqui, os homens *nunca vêm*, eles têm suas razões, os homens, sou sempre eu e o meu cachorro e mais ninguém, mas aqui está ele e eu não quero não quero não quero saber.

Ele abre um sorriso em meio à barba, um sorriso que vem de cima.

Um soco sorridente.

— A linguagem, jovem Todd, nos aprisiona como uma corrente. Não aprendeu nada na igreja, menino? — Ele cita sua pregação mais conhecida: — Se um de nós cai, todos caem.

*Sim, Aaron*, penso.

— Use a boca, Todd.

— Sim, Aaron.

— E os Ms? Não pense que não ouvi isso também. O Ruído o denuncia. Denuncia a todos nós.

*Nem todos*, penso, ao mesmo tempo que digo:

— Desculpa, Aaron.

Ele se abaixa, aproxima o rosto do meu, e sinto o bafo dele, sinto o peso do seu hálito como dedos tentando me agarrar.

— Deus ouve — ele sussurra. — Deus *ouve*.

Ele ergue a mão outra vez, eu me encolho de medo, mas Aaron só ri e vai embora, assim sem mais nem menos, levando seu Ruído de volta pra cidade.

Estou tremendo por causa da tensão no meu sangue, por causa do soco, por causa da raiva e da surpresa, cheio de ódio dessa cidade e de todos os homens que vivem nela, tanto que levo um tempo pra conseguir levantar e ir atrás do meu cachorro. *Mas que m...! Afinal, o que ele estava*



*fazendo aqui?*, penso, e estou tão louco de raiva e ódio (e medo também, é, medo, cala a boca) que nem presto atenção pra ver se Aaron já foi mesmo, se não ouviu meu Ruído. Não olho em volta. Não olho em volta.

Agora sim eu olho em volta, e saio procurando meu cachorro.

— Aaron, Todd? Aaron?

— Não fala esse nome.

— Sangue, Todd. Todd? Todd? Todd? Sangue.

— Eu sei. Calar a boca.

— Gira — ele diz, como se a palavra não significasse nada, a cabeça vazia que nem o céu.

Dou um tapa no traseiro dele.

— E também não fala isso.

— Ai? Todd?

A gente volta pra trilha, mantendo distância do rio à esquerda. Ele nasce lá em cima antes da nossa fazenda e vai descendo, passando por uns desfiladeiros, até ficar plano no brejo que lá na frente vira o pântano. Tenho que passar longe do rio, principalmente da parte pantanosa antes das árvores, porque é lá que vivem os crocos, uns bichões tão grandes que conseguiriam matar um quase-homem e um cachorro. As barbatanas nas costas deles parecem uma fileira de juncos, e se você chega perto demais, *NHAC!* Eles saem da água num pulo e vão pra cima de você com as garras afiadas e os dentes arreganhados, prontos pra engolir a pessoa, e aí já era.

Depois que a gente passa do brejo, tento absorver a tranquilidade do pântano. Na verdade não tem mais nada pra se ver aqui, por isso que os homens não vêm pra cá. Fora o cheiro. Não vou dizer que não fede, mas também não é tão ruim quanto dizem. Eles sentem o cheiro do passado, isso sim, o cheiro do que o lugar era antes e não do que é agora. Todos os mortos. Os spacks tinham um jeito diferente de descartar seus mortos, pra eles o pântano bastava, era só jogar na água e deixar afundar, e acho até que tinha a ver com eles. É o que Ben diz. Água, terra e pele de Spackle davam uma boa mistura, não contaminavam nada, na verdade até deixavam o pântano melhor, igual ao que os homens fazem com o solo.

Só que de repente, claro, começou a ter uma quantidade de spacks mortos maior que o normal, tantos que nem um pântano tão grande conseguiu engolir tudo, e olha que é bem grande mesmo. Até que não sobrou nenhum vivo, sabe? Só um monte de corpos entulhando o pântano, apodrecendo e fedendo, e levou um tempão pro pântano voltar a ser pântano em vez de um ninho de moscas, cheiros e sei lá que germes deixaram pra gente.

Eu nasci no meio disso tudo, dessa confusão toda: o pântano cheio demais e o cemitério cheio demais, mas a cidade não tão cheia, por isso que não lembro de nada, não lembro do mundo sem o Ruído. Meu pai morreu de alguma doença antes de eu nascer e depois minha mãe morreu também, claro, até aí nenhuma surpresa. Ben e Cillian me levaram pra casa deles e me criaram. Ben diz que minha mãe foi a última mulher, mas todo mundo diz isso sobre a mãe de todo mundo. Pode até ser verdade, e *ele* acredita nisso, mas quem garante?

Só sei que eu sou o mais novo da cidade. Às vezes eu vinha aqui no campo jogar pedrinhas nos corvos com Reg Oliver (sete meses e oito dias mais velho), Liam Smith (quatro meses e vinte e nove dias mais velho) e Seb Mundy. Seb é o segundo mais novo da cidade, só três meses e um dia mais velho que eu, mas nem ele fala mais comigo agora que virou homem.

Nenhum garoto fala com outro garoto depois que faz treze anos.

É assim que são as coisas em Prentisstown. Garotos se tornam homens e vão nas reuniões só de homens pra falar sei lá o quê, e os mais novos não podem ir. Como sou o último garoto da cidade, só me resta esperar, sozinho.

Quer dizer, eu e um cachorro que eu nem queria.

Mas não importa, a gente chegou no pântano e lá vamos nós pelas trilhas que dão a volta na água, assim você fica longe do que ela tem de pior e não passa pelas árvores grandes e retorcidas que tem lá no meio, cada tronco subindo vários metros até formar um telhado de folhas lá no alto. O ar aqui é escuro e pesado, mas não um escuro e pesado assustador. Tem muita vida aqui, muita mesmo, ignorando tranquilamente a cidade. Pássaros, cobras não venenosas, sapos, kivits, os dois tipos de esquilo e

até (juro) um ou outro cassor, e tem também cobras venenosas, claro, tem que tomar muito cuidado com elas. Mesmo escuro, umas lascas de luz conseguem passar pelos furinhos no teto, e se você me perguntar, coisa que talvez não faça e tudo bem, vou dizer que pra mim o pântano parece uma sala grande e confortável, menos Ruidosa. Escuro mas vivo, vivo mas amistoso, amistoso mas não sufocante.

Manchee para e levanta a pata em qualquer coisa até esvaziar a be-xiga. Aí ele se mete no meio da moita, falando umas coisas que eu não entendo, e acho que ali ele encontra um lugar pra fazer as necessidades.

O pântano não se importa. Por que se importaria? É tudo vida em cima de vida, formando um ciclo, se alimentando dela mesma pra crescer. Não que aqui não seja Ruidoso. Claro que é, não tem como fugir do Ruído em nenhum lugar, mas é melhor do que na cidade. O que você ouve aqui é diferente porque é só curiosidade, bichos tentando descobrir quem você é e se você é perigoso. Já a cidade sabe tudo sobre você e ainda quer saber mais, quer torturar você com o que ela sabe até não sobrar nada.

O Ruído do pântano não, o Ruído do pântano são só os pássaros, pássaros pensando nas preocupações deles. *Onde tem comida? cadê minha casa? Onde é seguro?* E também os esquilos-cera, que são uns delinquentezinhos, ficam de provocação quando você vem aqui e provocam os outros esquilos quando não tem ninguém, e os esquilos-ferrugem, que são uns bichos bobos. Às vezes tem raposas-do-pântano escondidas nas folhas e imitando o Ruído dos esquilos pra poder comer eles, e só muito de vez em quando tem um mave cantando as músicas estranhas dos maves. Juro que uma vez eu vi um cassor correndo com aquelas duas patas compridas deles, mas Ben diz que não, que já não tem cassor no pântano faz tempo.

Não sei não. Eu acredito em mim.

Manchee terminou de fazer suas coisas e veio sentar do meu lado, porque eu parei bem no meio da trilha. Ele olha em volta pra ver o que será que eu estou olhando. Ele diz:

— Cocô bom, Todd.

— Imagino.

Eles que não me deem mais um maldito cachorro no meu aniversário. Esse ano eu quero uma faca de caça que nem a que Ben carrega no cinto, na parte de trás. Isso *sim* é presente prum homem.

— Cocô — Manchee diz, baixinho.

Voltamos a andar. Onde tem mais macieiras é numa parte mais lá pra dentro do pântano, tem que descer por umas trilhas e passar por um tronco de árvore caído, que é onde o Manchee sempre para porque não consegue passar. Levanto ele pela barriga. O bicho sabe o que eu estou fazendo e mesmo assim fica sacudindo as patas que nem uma aranha caindo, não sei pra que esse escândalo.

— Fica quieto, bicho burro!

— Solta, solta, solta!

Ele dá uns ganidos e arranha o ar.

— Cachorro idiota.

Ponho ele em cima do tronco e subo também. Aí nós dois pulamos pro outro lado.

— Pular! — ele late quando aterrissa. E sai correndo repetindo isso: — Pular!

Depois do tronco é que começa a parte mais escura do pântano, e a primeira coisa que você vê são as antigas construções dos Spackle avançando das sombras na sua direção. Parecem bolas de sorvete de creme meio derretidas, só que marrom e do tamanho de uma cabana. Ninguém sabe nem lembra o que eram, mas o melhor palpite de Ben, que é o tipo de cara que sempre tem um bom palpite, é que serviam pra alguma coisa relacionada com os mortos. Pode ser até que fossem tipo igrejas, mas se bem que os spacks não tinham nenhuma religião, quer dizer, nenhuma das que as pessoas de Prentisstown conhecem.

Vou até o bosquezinho mantendo distância das construções. As maçãs estão maduras, quase pretas, quase comestíveis, como diria Cillian. Pego uma do pé e dou uma mordida, e o suco escorre pelo meu queixo.

— Todd?

— Que foi, Manchee?

Pego no bolso de trás o saco plástico dobrado que eu trouxe e começo a pegar maçãs.

— Todd? — ele late outra vez.

Dessa vez eu percebo que Manchee está latindo diferente e me viro. Ele está olhando pras construções Spackle com o pelo todo arrepiado e as orelhas virando prum lado e pro outro.

— O que é, garoto?

Ele começa a rosar, mostrando os dentes. Sinto a tensão no meu sangue outra vez.

— É um croco? — pergunto.

— Silêncio — Manchee rosna.

— Mas eu quero saber o que é.

— É o silêncio, Todd.

Ele dá um latido curto, um latido de verdade, um latido que não diz nada, só “Au!”. A eletricidade no meu corpo aumenta um pouco, parece que vai saltar da minha pele.

— Escuta — ele rosna.

Então eu escuto.

E escuto.

Viro um pouco pro lado e escuto de novo.

Tem um buraco no Ruído.

Não pode ser.

E é uma coisa *estranha*, sério, e está ali perto, escondida no meio das árvores ou em algum outro lugar, algum lugar fora de vista onde não tem Ruído, é isso que os meus ouvidos e a minha cabeça estão me dizendo. Como se fosse uma coisa invisível mas que dá pra ver o formato pelo que está em volta. Tipo água na forma de um copo, só que sem o copo. É um buraco, e tudo que cai dentro dele deixa de ser Ruído, deixa de ser *qualquer coisa*, só para. Não é igual ao silêncio do pântano, que obviamente nunca é bem um silêncio, só menos Ruidoso. Isso é diferente, é uma forma, uma coisa no formato de *nada*, um buraco onde todo Ruído para.

E isso é impossível.

Não existe nada além de Ruído no mundo, nada além do pensamento dos homens e dos animais o tempo todo jorrando e jorrando em tudo desde a guerra que foi quando os spacks soltaram o germe do Ruído, o germe que matou metade dos homens e todas as mulheres, incluindo minha mãe, o germe que enlouqueceu os homens que sobraram, o germe que ditou o fim de todos os Spackle quando a loucura dos homens pegou em armas.

— Todd? — Dá pra ver que o Manchee está assustado pelo jeito que ele late. — O quê, Todd? O que é, Todd?

— Você consegue farejar alguma coisa?

— Só o silêncio, Todd — ele late, e depois começa a latir mais alto. — Silêncio! Silêncio!

E é aí que em algum lugar perto das construções dos spacks o silêncio *se mexe*.

O zunido no sangue aumenta tão rápido que quase me derruba. Manchee começa a ganir enquanto anda em volta de mim, late sem parar e me deixa ainda mais assustado que ele, então eu bato no traseiro dele de novo (“Ai, Todd?”) só pra ver se me acalma.

— Não existe isso de buraco. Não existe isso de nada. Então só pode ser alguma coisa, não é?

— Coisa, Todd — Manchee late.

— Você ouviu pra onde aquilo foi?

— Ouvir silêncio, Todd?

— Você entendeu.

Manchee fareja o ar e dá um, dois passos, e depois mais alguns na direção das construções dos Spackle. Acho que a gente vai procurar aquilo, então. Vou andando bem devagar até a maior das bolas de sorvete derretidas. Mas fico de lado pra não me verem se tiver alguma coisa olhando pela entradinha meio triangular. Manchee fareja o batente da porta, mas não está rosnando, então eu respiro fundo e olho lá dentro.

Não tem nada. O teto tem mais ou menos o dobro da minha altura. O chão é de terra e nasceram umas plantas do pântano ali, trepadeiras e tal.

Mas só. Então é isso, não tem nenhum nada *de verdade*, nenhum buraco, nenhuma ideia do que estava aqui antes.

É ridículo, mas eu preciso dizer.

Será que os Spackle voltaram?

Mas é impossível.

Mas um buraco no Ruído é impossível.

Então alguma dessas coisas impossíveis tem que ser real.

Ouçõ Manchee farejando lá fora outra vez, então saio e vou na segunda bola de sorvete. Tem umas coisas escritas na parede por fora, as únicas palavras que já se viu na língua spack. As únicas palavras que eles acharam que valia a pena escrever, acho. As letras são letras spacks, mas Ben diz que elas formam es'Paqili ou alguma coisa assim, es'Paqili, os Spackle, ou "spacks" se você quiser falar com raiva, que é como todo mundo fala desde que aconteceu o que aconteceu. Significa "O Povo".

Na segunda bola de sorvete também não tem nada. Saio de costas de volta pro pântano e presto atenção outra vez. Me concentro, tentando ouvir com as partes do meu cérebro que ouvem, e aí eu ouço de novo, e de novo e de novo.

Eu ouço.

— Silêncio! Silêncio! — Manchee late, dois latidos muito rápidos, e sai correndo na direção da última bola de sorvete.

Vou atrás dele, correndo também, meu sangue zunindo porque é ali que está, o buraco no Ruído está ali.

Eu ouço.

Quer dizer, na verdade eu *não* ouço, essa é a questão, mas quando corro até lá, o vazio daquilo encosta no meu peito e a ausência de sons me atrai, e é tanto silêncio ali, um silêncio *de verdade*, tão inacreditável que me sinto arrasado, como se estivesse prestes a perder o que existe de mais valioso no mundo, como se fosse uma morte. De repente eu saio correndo, meus olhos se enchendo d'água e dando um aperto no peito. Não tem ninguém por perto pra me ver assim, mas eu ainda me importo, e meus olhos começam a chorar, eles começam a *chorar*, mas que M. Eu paro um

pouco e me curvo pra frente e caramba, pode ficar calado agora, mas eu passo um minuto inteiro, uma porcaria de um minuto inteiro ali curvado, e quando esse minuto acaba é claro que o buraco está indo embora, já foi.

Manchee não sabe se corre atrás do buraco ou se vem pra perto de mim, mas acaba decidindo ficar comigo.

— Chorando, Todd?

— Cala a boca.

Tento dar um chute nele, mas erro de propósito.